



PERSPECTIVAS DA LEITURA BÍBLICA NO ITINERÁRIO DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

ANTONIO FRANCISCO LELO

Resumo: A catequese orientou-se para a inspiração catecumenal, cujo parâmetro é o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*. Este texto tem o objetivo de apresentar as perspectivas próprias da leitura bíblica para a formação da identidade cristã de acordo com os tempos que compõem o itinerário da iniciação à vida cristã: *querigma* (pré-catecumenato), *discipulado* (catecumenato e purificação) e *mistagogia*. Cada tempo adquire características próprias para abordar o texto bíblico. Estas se complementam e perpassam todo o itinerário para alcançar a meta do processo iniciatório. A configuração pascal do discípulo constituirá o ponto determinante para unir os tempos da iniciação à vida cristã e promover a identidade cristã. A centralidade da Páscoa na missão de Jesus Cristo liga-se diretamente à capacidade do discípulo compreender seu messianismo e acolher o Reino.

Palavras-chaves: Discipulado, Páscoa, Querigma, Mistagogia, Palavra, Reino, itinerário, identidade.

Abstract: Catechesis was guided by the catechumenal inspiration, whose parameter is the Rite of Christian Initiation of Adults. This text aims to present the proper perspectives of biblical reading for the formation of Christian identity according to the times that make up the itinerary of initiation to the Christian life: kerygma (pre-catechumenate), discipleship (catechumenate and purification) and mystagogy. Each time acquires its own characteristics to approach the biblical text. These complement each other and permeate the entire itinerary to reach the goal of the initiatory process. The paschal configuration of the disciple will be the decisive point in linking the times of initiation to Christian life and promoting Christian identity. The centrality of Easter in the mission of Jesus Christ is directly linked to the disciple's ability to understand his messianism and welcome the Kingdom

Keywords: Discipleship, Easter, Kerygma, Mystagogy, Word, Kingdom, itinerary, identity.



Introdução

A nova tradução da Bíblia promovida por Paulinas Editora anima e fortalece a reflexão bíblica nos itinerários catequéticos pela atualidade de sua linguagem e a riqueza de suas notas. Com esse ensejo apresento alguns pontos de reflexão para serem considerados ao se compor o itinerário catequético para a iniciação à vida cristã.

Atualmente, a catequese orientou-se decididamente para a inspiração catecumenal, cujo parâmetro é o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (RICA). A formação da identidade cristã requer itinerários de encontro e seguimento de Jesus que possibilitem ao candidato reconhecer a vida, a missão e o destino de Jesus de Nazaré.

O objetivo deste texto é apresentar as perspectivas próprias da leitura bíblica para a formação da identidade cristã de acordo com os tempos que compõem o itinerário da iniciação à vida cristã.

Sintetizamos as características dos quatro tempos de iniciação nas três palavras: *querigma* (pré-catecumenato), *discipulado* (catecumenato e purificação) e *mistagogia*. Cada tempo adquire características próprias para abordar o texto bíblico, porém, as três perspectivas se complementam e, a partir da centralidade pascal, perpassam todo o itinerário.

Ao centralizar as catequese ao redor do Tríduo Pascal, incluindo sua fase de preparação (Quaresma), sua culminância nos três sacramentos celebrados na Vigília Pascal e em sua fase posterior (Tempo Pascal), o itinerário busca a configuração pascal da pessoa como meta de todo o processo iniciatório. E assumir a Páscoa de Cristo como caminho de transformação pessoal para vencer o egoísmo e aprender a amar como ele nos amou e se entregou por nós, constituirá a razão de nossa identidade: ser outro Cristo – cristão. “Toda iniciação deve ter caráter pascal” (RICA, n. 8).

Querigma/encontro

A dimensão querigmática do anúncio na iniciação à vida cristã parte da experiência de fé do catequizando, promove o encontro com a pessoa de Jesus de Nazaré e procura se ater ao conteúdo essencial da mensagem de fé.

Anunciar o *querigma* implica comunicar a própria experiência de fé, posicionar-nos como pessoas de fé numa sociedade que duvida, questiona, põe à prova as convicções do missionário. Não se trata só de falar a verdade de fé; antes, se trata de apresentar um estilo de vida, uma postura, um modo de ser no mundo, em que demonstramos a fé na qual cremos, celebramos e estabelecemos relações com o próximo.



Partimos da sensibilidade de fé, da abertura religiosa, naturalmente presente nas pessoas, ou dos acontecimentos e situações que as envolvem, e dali vamos ajudá-las a sentirem a presença e ação salvadoras de Deus.

A oportunidade para anunciar o querigma se abre, justamente, quando fazemos as perguntas pelo sentido das realidades que atravessamos de dor, luto, doença, desilusões, violência, perseguição... O que significa falar de Deus a partir do sofrimento e das inquietações humanas sempre em busca de superação. Trata-se de conferir o sentido para a vida além do consumo incansável e da dispersão do pensamento causado pelo acúmulo das atividades diárias, para encontrar Aquele que pode preencher o coração humano.

O anúncio do querigma conserva algumas características próprias: concentrar-se no essencial da mensagem da passagem que foi proclamada. Não tanto em seus detalhes, mas em sua intenção central e nos valores que está propondo. Muito além de princípios morais a serem observados, a fé cristã é o encontro transformador com Jesus Cristo que nos faz superar o egoísmo e o orgulho para vivermos numa relação filial, firmada na misericórdia, na providência, no perdão do Pai. Por isso, o Papa Francisco nos alerta: “A centralidade do *querigma* requer [...] que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa”.²⁸

Sem dar voltas, sejamos os primeiros anunciadores deste amor diante de tudo aquilo que o Senhor nos deu ao longo da vida. Sejamos diretos e convictos em anunciar a Palavra que opera hoje a salvação de Deus em nosso meio em favor daquele que o acolhe. Vamos nos centrar na mensagem da passagem que foi proclamada. Não tanto em seus detalhes, mas em sua intenção central e nos valores que está propondo.

O principal é sempre o que Deus está querendo nos dizer, a Boa-Nova que se cumpre em Cristo Jesus. O que Deus fez na história, o que continua fazendo agora e como quer que lhe respondamos.

Vamos apresentar o aspecto principal da passagem, qual é o plano salvador de Deus, tal como nela se revela, como Deus agiu e como as pessoas responderam. Por isso, é importante apresentar o rosto misericordioso do Pai, a compaixão de Jesus pelos excluídos e sofredores e o alento do Espírito que consola e nos conduz ao Pai.

A partir da leitura, apresentamos o Cristo entregue, crucificado, morto, mas depois ressuscitado e glorificado, exaltado por Deus Pai. E, em seu nome, anunciamos a salvação a todos.

.....
²⁸ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo, Paulinas, 2013, n. 165.



Não devemos nos demorar nos aspectos mais científicos da origem do mundo ou da criação do homem e da mulher, ou no número e origem exatos dos magos que vieram adorar o Messias em Belém.

As passagens bíblicas, à parte de suas circunstâncias históricas e sociais, têm uma mensagem, uma intenção salvífica, que é a que deve ser projetada sobre a vida de hoje, às vezes como estímulo, outras como denúncia. Discipulado se orienta para a formação de valores e de atitudes de vida do catequizando a partir da prática de Jesus junto ao povo e aos discípulos mediante o confronto à lei e às autoridades da sociedade de seu tempo.

Caminho/discipulado

Esta perspectiva se orienta para a formação de valores e de atitudes de vida do catequizando a partir da prática de Jesus junto ao povo e aos discípulos mediante o confronto à lei e às autoridades da sociedade de seu tempo. Daí emerge a compreensão do messianismo do seu reinado.

Em Mc 8,27-33, acontece a revelação do Filho como sendo o Cristo. Essa revelação é feita aos discípulos, inicialmente, através da instrução que Jesus inicia a partir da confissão que brota nos lábios de Pedro.

A imagem que estava presente na mente dos discípulos não era muito diferente daquela criada pelo povo, que via nele a figura do messias político, nascido das esperanças e frustrações, realimentadas ao longo de vários séculos de humilhação e de dominação estrangeira.

Os discípulos, por primeiro, são os que devem reconhecer e compreender o significado do messianismo assumido por Jesus. Porém, não entendem o sentido do mistério messiânico. Por três vezes, Jesus anuncia a sua paixão-missão (cf. Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34), a fim de ajudá-los a superar o messianismo terreno do poder e da glória meramente humanos. Jesus anuncia sua paixão e Pedro tenta corrigi-lo, mas imediatamente Jesus o repreende duramente, chamando-o inclusive de satanás. A compreensão de Pedro sobre o messianismo de Jesus estava equivocada, pois ainda era motivada pelo messias político que restauraria a supremacia de Israel sobre os outros povos.

Se as atitudes libertadoras que assumiu em seu ministério já provocavam as autoridades religiosas e despertavam o ciúme de Herodes, o não reconhecimento do Messias-Servo e Filho de Deus foi o motivo central de sua condenação.

O Evangelho segundo Lucas dedica dez capítulos para descrever o caminho de Jesus para Jerusalém (9,51–19,27). Nesta viagem, Jesus ensina e prepara seus discípulos para o desenlace



final. O evangelista escreve uma introdução solene: “Quando se completava o tempo para ser elevado ao céu, Jesus tomou a firme decisão de partir para Jerusalém” (9,51); e termina com uma não menos solene conclusão: “Depois dessas palavras, Jesus caminhava à frente dos discípulos, subindo para Jerusalém” (19,28).

“Porque ‘vai atrás de Jesus’, o qual faz a vontade salvífica do Pai, o discípulo faz ‘o caminho de Jesus’, o de sua vida e ministério a partir do Batismo de João até o dia de seu ‘êxodo’ desta vida e de seus sofrimentos para a ressurreição e para a glória (Lc 9,31).”²⁹ A subida para Jerusalém não é, então, mera informação de viagem, menos ainda um artifício literário, mas um paradigma de vida e de missão cristã.

“O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta que o discípulo se torne como o mestre e o servo como o seu senhor” (Mt 10,24). O discípulo não pode esperar uma sorte diferente da de seu mestre. “Jesus disse a seus discípulos: ‘Quem quiser vir atrás de mim negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar sua vida a perderá; mas quem perder sua vida por mim a encontrará’” (Mt 16,24-25).

A prática de Jesus de instaurar o reino comporta a contradição da cruz como expressão do seu amor levado até o fim. A vida cristã consiste na configuração existencial à cruz, ao dizer sim ao projeto de Deus e livremente, assumindo a cruz como expressão de amor e de entrega da própria vida. Nessa linha, adquire sentido refletir sobre o bom samaritano; a inclusão social do cego, do leproso e do paraplégico; o perdão da pecadora pública; o sentar-se à mesa com o publicano; as bem-aventuranças; o lava-pés; o juízo final...

A característica principal do discipulado consistirá justamente em assumir o mesmo caminho de Jesus, refazendo-o hoje com uma vida discernida segundo os valores do Reino e disponível para a entrega e o dom de si. Esta é a assimilação gradual da prática de Jesus que aporta novos critérios de juízo sobre os valores deste mundo em comparação com aqueles do Reino.

A maneira de responder a esse chamado será “elaborar um novo projeto de vida tendo como base a proposta do Senhor, centrado no espírito das bem-aventuranças, nos mandamentos e na tarefa de edificar o Reino não só no interior de seu coração, mas também na história”.³⁰ Daí, “seu agir será outro, passando a um novo modo de vida no campo pessoal, comunitário e social”.³¹

²⁹ SILVA RETAMALES, Santiago. *Discípulo de Jesus e discipulado segundo a obra de São Lucas*, São Paulo, Paulus/Paulinas, 2005, p. 16.

³⁰ CNBB. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documento da CNBB 107. Brasília, Edições CNBB, 2017, n. 134.

³¹ *Ibid.*, n. 5.



Na medida em que se descobre novos valores dados pelo anúncio da fé, a comunhão com o mistério pascal torna-se cada vez maior, porque o catequizando é capaz de interiorizá-los, fazê-los seus, a ponto de *re-significar* sua vida, mudar o modo de ser e de existir no mundo. Desta forma, vai protagonizando o trânsito do velho ao novo ser humano, que culminará no Batismo.

O acontecimento da Páscoa é a condição de nossa existência. Temos que experienciá-la para torná-la nossa Páscoa. Os sofrimentos que Cristo enfrentou por ter superado o legalismo, os preconceitos e as discriminações passam a ser igualmente vividos por nós. Claro, sempre com a garantia que o Pai nos dá. Assim como Jesus foi vitorioso sobre o mal e a morte, também nós o seremos.

A cruz torna-se o crivo da aceitação corajosa de estar em comunhão com ele a ponto de doar a vida, acreditando na vitória, no amor e na Palavra dele. Sem fugir do sofrimento, das contrariedades e, sobretudo da entrega da própria vida em suas mãos.

Essa característica determinante para a iniciação cristã, atualmente, acha-se muito ofuscada. Raramente alguém associa o fato de ser cristão com a sua configuração existencial na Páscoa de Cristo, como discípulo que toma a sua cruz e o segue. Na pastoral, a influência da teologia da prosperidade, a prática devocional em alta e a busca isolada de cada sacramento dificultam ainda mais essa compreensão.

Mistagogia

Para se fazer mistagogia é necessário proporcionar o contato da Palavra de Deus com os sinais para revelar o que eles protagonizaram na história da salvação e como hoje eles continuam eficazes na celebração. Trata-se, primeiramente, de interpretar os ritos com seus símbolos à luz dos acontecimentos salvíficos. *Os símbolos*, ritos e preces celebrados na liturgia adquirem sentido a partir da *Palavra proclamada no culto* levada a efeito pela força *do Espírito Santo*.

A catequese tem a missão de revelar o que os sinais rituais protagonizaram na história da salvação e como hoje eles continuam eficazes na celebração com a finalidade de proporcionar a participação/transformação no mistério pascal.

É próprio da ação da Igreja unir a Palavra ao símbolo, pois é justamente isto que faz o sacramento. Este símbolo pode ser um gesto (por exemplo: a imposição de mãos) ou algo material como o pão e o vinho. *A unidade entre a Palavra e o Sacramento* leva o catequista a perceber que se trata sempre do mesmo movimento da Palavra: uma vez anunciada, agora se torna realidade de salvação, ao ser ritualmente celebrada. Nos dois, Palavra e Sacramento, Cristo está



se comunicando e o Espírito animando e a Igreja celebrando. A Palavra é de alguma maneira Sacramento, e o Sacramento continua sendo Palavra.

A Palavra tende ao Sacramento, onde encontra sua plena realização. Mas o Sacramento tem seu sentido total se é celebrado a partir da Palavra. Sempre é o mesmo Cristo que se nos dá, porém em dois modos distintos de presença e encontro: a Palavra e o Sacramento.

Toda celebração litúrgica: as bênçãos, os sacramentos e a Liturgia das Horas contemplam leituras bíblicas ou uma completa liturgia da Palavra. A graça que o sacramento proporciona é fruto da promessa proclamada na Palavra.

Na celebração da missa, Cristo se nos dá primeiro como Palavra salvadora, antes de dar-se a nós como alimento eucarístico. Da mesa da Palavra vamos à mesa da Eucaristia. “A missa consta, por assim dizer, de duas partes, a saber, a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística, tão intimamente unidas entre si que constituem um só ato de culto”.³² Ambas existem para ensinar e alimentar os fiéis e formam uma só mesa. A Palavra de Deus, lida e anunciada na liturgia pela Igreja, conduz à Eucaristia como a seu fim conatural.

Por isso, “a Palavra de Deus e o mistério eucarístico foram honrados pela Igreja com a mesma veneração, embora com diferente culto”.³³ “Lembrem-se os fiéis de que a presença de Cristo é uma só, tanto na Palavra de Deus, ‘pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na igreja’, como ‘especialmente sob as espécies eucarísticas’”.³⁴

A Palavra, portanto, adquire seu sentido pleno quando ressoa na Igreja como mensagem de salvação de Deus a seu Povo. Pressupõe uma comunidade que na fé acolhe, interpreta, responde e vive; e também requer a presença do Espírito da verdade para compreendê-la em sua plenitude.

A consequência direta desse princípio, muitas vezes esquecido, é a conaturalidade existente entre anunciar (catequese) e celebrar (liturgia) o mistério de fé em vista do que é o mais difícil: viver o mistério de fé (a conversão para o Reino). O catequista assume seu papel como mistagogo, na medida em que promove a participação do catequizando no mistério pelos sinais celebrados.

Podemos avaliar a importância do catequista se apropriar dos princípios básicos da teologia da celebração litúrgica para que tenha condições de unir a Palavra com o símbolo, o tempo, o espaço, a prece ou o rito que a explicita e a leva a termo. Como também ter clareza de como as

.....
³² Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 28.

³³ *Elenco das leituras da missa*, n. 10.

³⁴ *Elenco das Leituras da Missa*, n. 46. Cf. também Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 29.



categorias bíblicas – criação, pecado, aliança, povo de Deus, páscoa, memorial, assembleia... – estruturam a celebração litúrgica e lhe dão ritmo.

O foco continua sendo a transformação nos sacramentos pascais. Os bispos definem mistagogia como “uma progressiva introdução no mistério pascal de Cristo, vivido na experiência comunitária”.³⁵ A liturgia ressalta o caminho do discipulado, a transformação contínua do cristão nos mistérios celebrados e o assumir a cruz cotidiana na perspectiva otimista da ressurreição na vida eterna.

Maximamente, a Palavra se realizará na celebração dos três sacramentos, ponto culminante de todo o itinerário/processo de iniciação com a marca do selo indelével do Espírito Santo no Batismo e na Crisma mudando a condição do eleito em filho de Deus, irmão de Jesus Cristo, templo do Espírito e herdeiro do Reino na vida eterna. Agora terá acesso à mesa do banquete do Reino e à vida nova na comunidade cristã.

Toda a vida cristã é concebida como um caminho para reproduzirmos a páscoa de Cristo em nossa vida. Dessa forma, a participação eucarística, especialmente a dominical, o Ano Litúrgico e todos os sacramentos têm a tarefa comum de produzir a configuração da pessoa na Páscoa de Cristo.

Etapas salvíficas e acontecimento litúrgico

Na celebração litúrgica, as etapas da história da salvação (Antigo Testamento, Jesus Cristo, tempo do Espírito/Igreja e Parusia) não acontecem de forma linear, mas uma se sobrepõe a outra. A celebração litúrgica acontece no tempo atual da Igreja, nela confluem o *passado* (memória do acontecimento fundante da Páscoa), o *presente* (a graça do Espírito é sempre atual e derramada em profusão) e o *futuro* (pois celebramos o que já é realidade plena na Jerusalém celeste junto ao trono do Cordeiro).

“A apresentação da fé, portanto, deve levar em consideração os fatos e as palavras com os quais Deus se revelou à humanidade por meio das grandes etapas do Antigo Testamento, da vida de Jesus Filho de Deus e da história da Igreja.”³⁶

A liturgia nos faz reviver toda a história da salvação como um encadeamento de fatos conduzidos por Deus e unificados finalmente por Ele no mistério pascal de seu Filho. Participamos da

.....
³⁵ CNBB. *Iniciação à Vida Cristã*, n. 60.

³⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. São Paulo, Paulinas, 2020, n. 171.



Páscoa de Cristo fazendo memória, isto é, lembrando a Deus o sacrifício redentor de Cristo para que ele nos associe a esse acontecimento e renove a sua graça, por meio do gesto sacramental.

A presença do Ressuscitado, por seu lado, já não tem sucessão de tempo: para ele tudo é “hoje”, exaltado como está junto a Deus e cheio de seu Espírito. O Espírito Santo atualiza os mistérios da vida de Cristo em cada celebração litúrgica, pois “A Palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12). O que possibilita, hoje, a liturgia proclamar palavras criadoras que realizam o que dizem: “Levanta-te [...] e anda” (Jo 5,8); “teus pecados te são perdoados” (Mc 2,9); “Jovem, eu te digo, levanta-te” (Lc 7,14)...

Há continuidade dos fatos salvíficos do Antigo e Novo Testamentos com sua realização na prática de Jesus. O Antigo e o Novo Testamentos são uma só unidade de amor, tendo como centro Jesus Cristo e seu mistério pascal. Santo Agostinho dá sentido à consideração do Antigo Testamento constituir o ponto de partida para o Novo. A obra sacramental faz parte dessa relação: Antigo e Novo Testamento, cujo fio condutor é o Espírito Santo que garante o protagonismo da Trindade, a qual realiza uma única história de salvação.³⁷

Um exemplo de leitura tipológica na liturgia renovada, encontramos na liturgia dominical. A liturgia da Palavra dominical consta de uma *primeira leitura* extraída do Antigo Testamento. “Estas leituras foram selecionadas em relação às passagens evangélicas [...] para evidenciar a unidade de ambos os Testamentos.”³⁸ O *Evangelho* anuncia a realização em Cristo daquilo que foi, de alguma forma, vivido pelo povo de Deus e proclamado na primeira leitura. “O centro e a plenitude de toda a Escritura e de toda a celebração litúrgica é Cristo.”³⁹

A catequese ao estabelecer a linha do tempo para a justa compreensão gradativa da revelação bíblica, permanecerá atenta para apontar, de acordo com a capacidade do grupo, o jogo das realidades no passado quando se refere o acontecimento, no presente da celebração ao ser celebrado e na plenitude de sua realidade na Jerusalém Celeste. A liturgia proclama, hoje, os acontecimentos antigos à luz de sua realização em Cristo e de sua plenitude na Jerusalém Celeste, se referindo tudo ao mesmo tempo, sem se ater a uma sucessão cronológica.

Os acontecimentos salvíficos vão evoluindo de sentido, ganhando novos significados que são plenificados no memorial litúrgico pela ação do Espírito Santo. Por exemplo: a assembleia do Povo de Deus aos pés do Sinai recebendo as tábuas da Lei se repete de outros modos ao

.....
³⁷ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1094.

³⁸ *Elenco das Leituras da Missa*, n. 106.

³⁹ *Ibid.*, n. 66,1.



longo da história, passa pela assembleia de Nazaré (cf. Lc 4) e culmina hoje, na assembleia litúrgica. Igualmente, os demais símbolos litúrgicos: água, luz, cordeiro, cruz... apontar a progressão das etapas salvíficas facilitará a compreensão da dinâmica celebrativa que irá abordá-las simultaneamente.

Com a ajuda de textos bíblicos, há que apresentar a realidade que os elementos e os gestos possuem segundo a história da salvação. Como eles se apresentam no Antigo Testamento e como recebem sua plenitude de significado na pessoa de Jesus Cristo. Podemos dizer que essa interação entre tipos bíblicos e mistério cristão, entre promessa e cumprimento, é o coração do memorial celebrado na liturgia.

Há a necessidade de interiorizar as vivências com os símbolos; gestos e atitudes externas refletirão o interior do discípulo. Os símbolos constituintes de nossa humanidade – água, luz, pão, sopro – sempre revelarão o mistério transcendente e desafiarão nossa capacidade de experienciá-los.

Metodologia

Todo encontro catequético se desenvolverá ao redor da proclamação ou leitura orante de um texto motivador da Escritura. Observe bem o sentido de cada frase. Peça um momento de silêncio interior, compartilhe a compreensão do que o autor bíblico quis transmitir. Questione os catequizandos sobre o projeto de vida de Jesus.

Há que fazer um caminho de descoberta da identidade, da missão e do destino de Jesus de Nazaré como lugar da acolhida do mistério de Deus que inaugura uma realidade nova. Durante o tempo da catequese, buscam-se criar laços, valorizar a experiência de vida de cada um e aprender a discernir as situações à luz da fé. Isso se realiza por meio do aprofundamento da fé com a Palavra e do confronto com as situações da vida.

Quem está anunciando deve ter clara consciência de que está, antes de mais nada, “a serviço da Palavra”. Por isso, deve deixar que “a Palavra fale”, pois ela tem força em si mesma. Tem que sentir e mostrar que suas explicações não são tão importantes quanto a própria Palavra. Não somos donos da Palavra, mas seus servidores. Não a podemos ocultar, nem calar, nem empobrecer, mas transmiti-la aos catequizandos com toda a pedagogia possível; porém, sobretudo, com fidelidade à própria Palavra.

A atitude de obediência à Palavra se expressa simplesmente tendo na mão o texto que se acaba de proclamar. Ter na mão o livro sagrado, ler dele as frases centrais, apelar a ele para



insistir nas enumerações ou nos argumentos que já foram escutados dos lábios do profeta, ou de Paulo, ou do próprio Jesus serve, sobretudo, ao próprio catequista para reconhecer que não é ele o protagonista, mas que a Palavra o é. E também aos catequizandos, porque veem que o catequista está se baseando, tanto para as suas palavras otimistas como para as exigentes, não em seu próprio gosto ou humor, mas naquilo que disse a Palavra.

Leitura orante

Durante o período da catequese, o catequista irá despertar no catequizando uma paixão pela Palavra de Deus, suscitando nele o gosto pela leitura e meditação; incentivando-o ao belo hábito da leitura cotidiana de breves trechos. Isto deve ser feito desde cedo, assim como aconteceu com Timóteo, que desde a infância, ainda no colo da mãe, foi introduzido no conhecimento das Sagradas Escrituras (cf. 2Tm 3,14-17). O entusiasmo e o testemunho do catequista é o melhor incentivo para suscitar este hábito.

Podemos ler a Bíblia de diversos modos. Há, entretanto, uma maneira bem antiga, chamada Leitura Orante, que foi criada pelos primeiros cristãos para alimentar a fé e animar a caminhada da comunidade diante das dificuldades. Este método resulta numa experiência pessoal e comunitária de escuta e de obediência à Palavra de Deus. Proporciona o encontro pessoal com Jesus Cristo e visa transformar todos aqueles que, a exemplo dos discípulos de Emaús, querem deixar a Palavra de Deus aquecer o próprio coração e a própria vida (cf. Lc 24,13-35).

Esse método com algumas variantes tem sido amplamente aplicado na catequese.⁴⁰

Conclusão

Procuramos ser consequentes com o método catecumenal de unir as três dimensões do mistério de fé: anúncio da Palavra pela catequese, celebração litúrgica e vivência cristã. Sempre é o único mistério anunciado, celebrado para ser vivido. A Palavra anunciada e celebrada forma a personalidade cristã do discípulo. Ele se acha, agora, habilitado a discernir a vida à luz da Palavra de Deus, tomando como princípio a conformação existencial na páscoa do Senhor.

O caráter de iniciação no mistério transforma progressivamente o discípulo ao longo do caminho catequético que culmina na recepção da graça sacramental. Diante disso, deixam de existir as fronteiras entre anúncio e celebração, porque é o mesmo movimento da Palavra uma vez proclamada, rezada e unida a um símbolo que deverá nortear a vivência do cristão.

.....
⁴⁰ CNBB. *Iniciação à Vida Cristã*, 66, 75, 167.2, 180, 181, 200.



A centralidade da Páscoa na missão de Jesus Cristo liga-se diretamente à capacidade do discípulo compreender seu messianismo e acolher o Reino. A configuração pascal do discípulo é o ponto determinante para unir os tempos da iniciação à vida cristã e promover a identidade cristã.

A sabedoria da cruz, enquanto exercício de amor solidário, não atraiçoa ninguém. É o caminho irresistível e verdadeiro da caridade para quem, de fato, quer se assemelhar ao Mestre. Assimilar a prática de Jesus como contradição ao que é comumente aceito como sucesso, êxito e realização pessoal será a grande tarefa do discipulado. Naturalmente, os itinerários catequéticos priorizarão esse confronto.

O discípulo buscará ouvir a voz de Deus na consciência para tomar suas decisões de acordo com o Evangelho, responderá pelos seus atos com liberdade e responsabilidade. Crescer sempre mais em responsabilidade, distinguirá o discípulo para assumir seus atos sem manipular o próximo.

Reafirmo a necessidade do catequista que pretende ser fiel à inspiração catecumenal de se apropriar das categorias básicas da teologia litúrgica para perceber como a Palavra se ritualiza ao se unir a um símbolo. Em primeiro lugar, impõe-se a diferença na concepção do tempo linear ascendente da história da salvação seguida na catequese com o tempo litúrgico que une tridimensionalmente o passado, o presente e o futuro na celebração memorial. Esta percepção aguçarà o catequista a ser mais ágil na compreensão do mistério, na ação do Espírito Santo e na capacidade do símbolo ser o elemento unificador dos três tempos.

Dados do autor

É pároco dos armênios do Brasil, doutor em liturgia pelo Instituto Superior de Liturgia da Catalunha (Espanha), é Licenciado em Pedagogia e Filosofia, é editor-assistente na área de Liturgia e Catequese na Paulinas Editora.

Recebido em: 04/07/23

Aprovado em: 23/07/23